

Preparação para o futuro • Notícia

Envelhecimento da população e concentração de médicos: os desafios do Rio Grande do Sul na saúde

Na série "Eleições 2026: Os Desafios do RS", Zero Hora faz um diagnóstico de temas centrais para o desenvolvimento do Estado que merecem atenção especial dos futuros governantes

24/09/2026 - 04h00min



COMPARTILHAR



Adicione GZH como fonte preferencial no Google

FABIANA LEMOS

[Enviar email](#)

O Rio Grande do Sul passa por uma transformação profunda no perfil da população. Em pouco mais de duas décadas, a **proporção de pessoas com 60 anos ou mais praticamente dobrou**: de 10,6% em 2000 para 20% em 2023, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A mudança demográfica torna urgente a necessidade de **adaptar a rede de saúde** a uma população que vive mais e tem demandas específicas.

Ao mesmo tempo, o Estado enfrenta um desafio que não envolve exatamente a quantidade de médicos, mas, sim, onde esses profissionais estão, quais especialidades estão disponíveis e como os serviços são organizados.

Conforme dados do Conselho Regional de Medicina (Cremers), **o Rio Grande do Sul possui 3,45 médicos para cada mil habitantes**, acima da média nacional de 3,08 e do parâmetro de 2,5 médicos por mil habitantes usado como referência pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os números, porém, também indicam **um abismo entre a oferta de profissionais na Capital e no Interior**.

Esta é a sexta de uma série de oito reportagens do Grupo RBS sobre os principais desafios que o Estado precisa enfrentar para avançar nos próximos anos (**saiba mais abaixo**). Zero Hora selecionou, a partir de ouvidorias realizadas pelo Conselho Editorial da RBS e da consulta a fontes independentes, questões que merecem a atenção dos representantes do eleitor gaúcho na área da **saúde**:

1. **Envelhecimento da população**
2. **Descentralização do atendimento**
3. **Fixação de profissionais e fortalecimento da atenção primária**



Elevação da idade média e da expectativa de vida pressiona demanda por atendimentos na rede pública.

Duda Fortes / Agência RBS

1) Envelhecimento da população

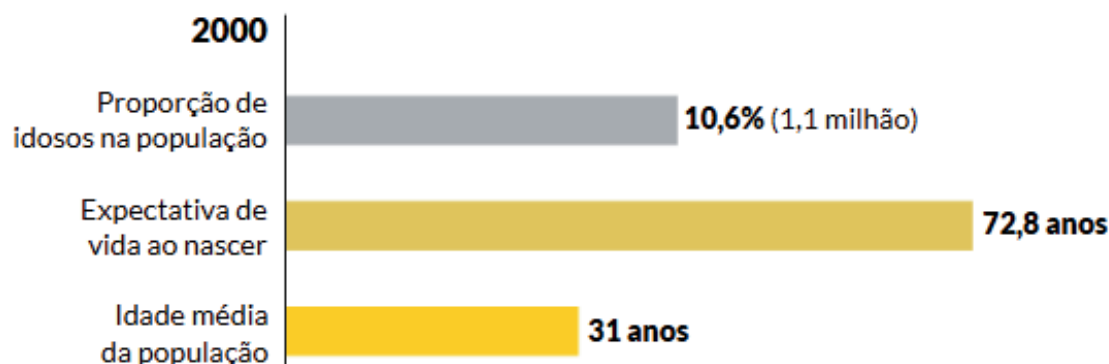
O Rio Grande do Sul já é o **Estado mais envelhecido** do país. A esperança de vida ao nascer passou de 72,8 anos em 2000 para **77 anos** em 2023, segundo o IBGE. Entre as mulheres, chegou a 80,1 anos. A idade média da população também subiu: de 31 anos para **38,1 anos** no mesmo período, também a maior entre os Estados. O número total de idosos passou de 1,1 milhão para 2,2 milhões.

Projeções do IBGE indicam ainda que, em 2070, **a proporção de idosos na população chegará a cerca de 40%** e a idade média será de 49,2 anos.

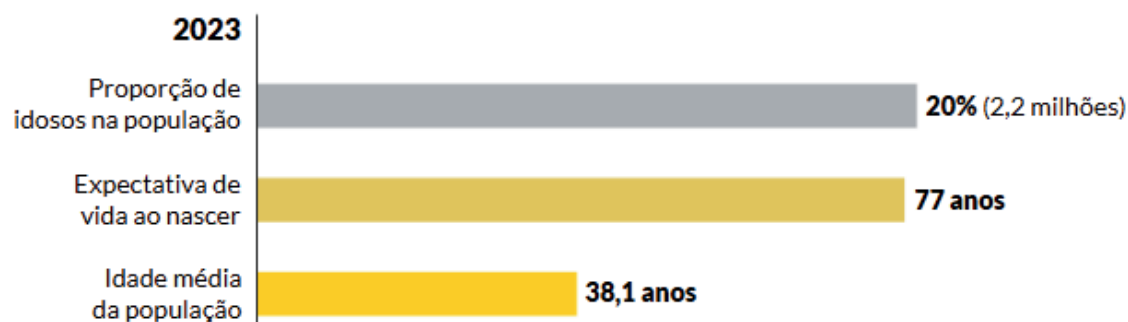
O fenômeno **pressiona a demanda por serviços de saúde**. Segundo o professor Luis Henrique Telles da Rosa, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), a pessoa idosa está mais suscetível a determinados problemas de saúde e pode enfrentar situações que comprometem autonomia e independência.

O envelhecimento da população gaúcha

Em pouco mais de duas décadas, a proporção de idosos no Estado praticamente duplicou



SAÚDE



Fonte: IBGE

— Muitas vezes, a pessoa idosa não tem uma doença específica, mas tem um conjunto de situações no seu entorno que impacta muito a autonomia e independência. Esse é um grande desafio — afirma Telles da Rosa.

Além de doenças cardiovasculares e câncer, que estão entre as principais causas de morte entre pessoas idosas, segundo a OMS, os investimentos precisam considerar aspectos como **atividade física, autonomia e convivência social**.

A interação social é apontada por especialistas como fundamental para a manutenção da saúde física e mental da população idosa.

— A interação, o convívio social é um fator muito importante, estratégico para a manutenção da saúde física e mental da pessoa idosa — diz o professor.

Para o presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigs), Gerson Junqueira Júnior, a rede precisa considerar as **características da população** de cada região e as **doenças mais prevalentes** entre os moradores.

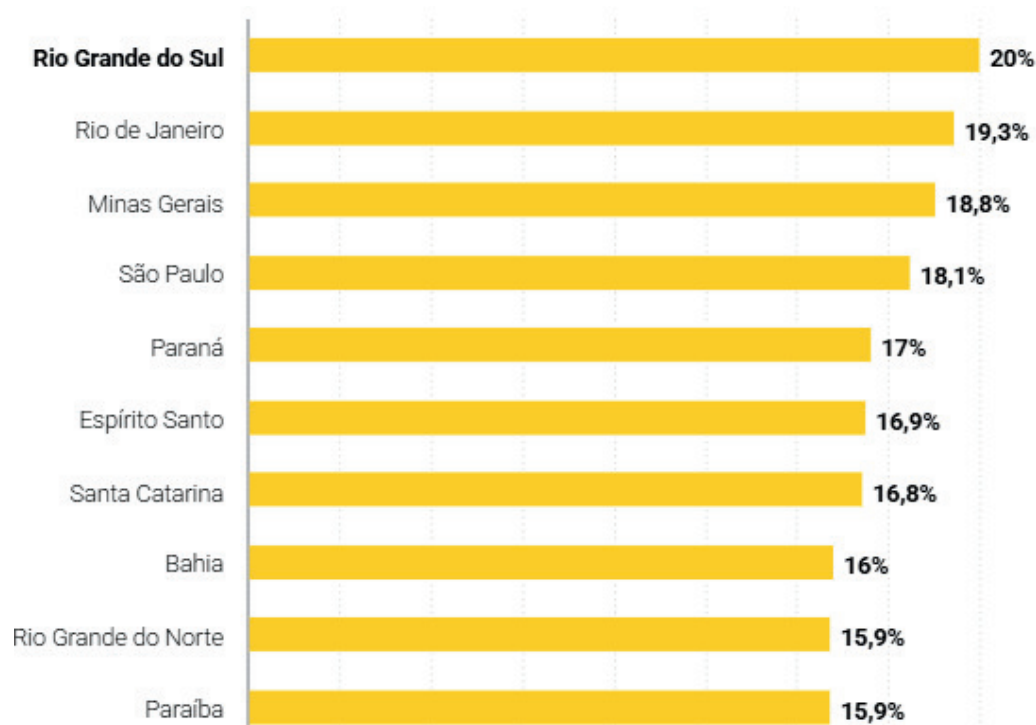
— Hoje temos mais de 20% da nossa população com mais de 60 anos, então temos que nos preocupar muito com a oncologia e com as doenças cardiovasculares — observa.

Entre as áreas que também ganham importância nesse contexto, estão cardiologia, geriatria, medicina interna e medicina de família.

A situação no país

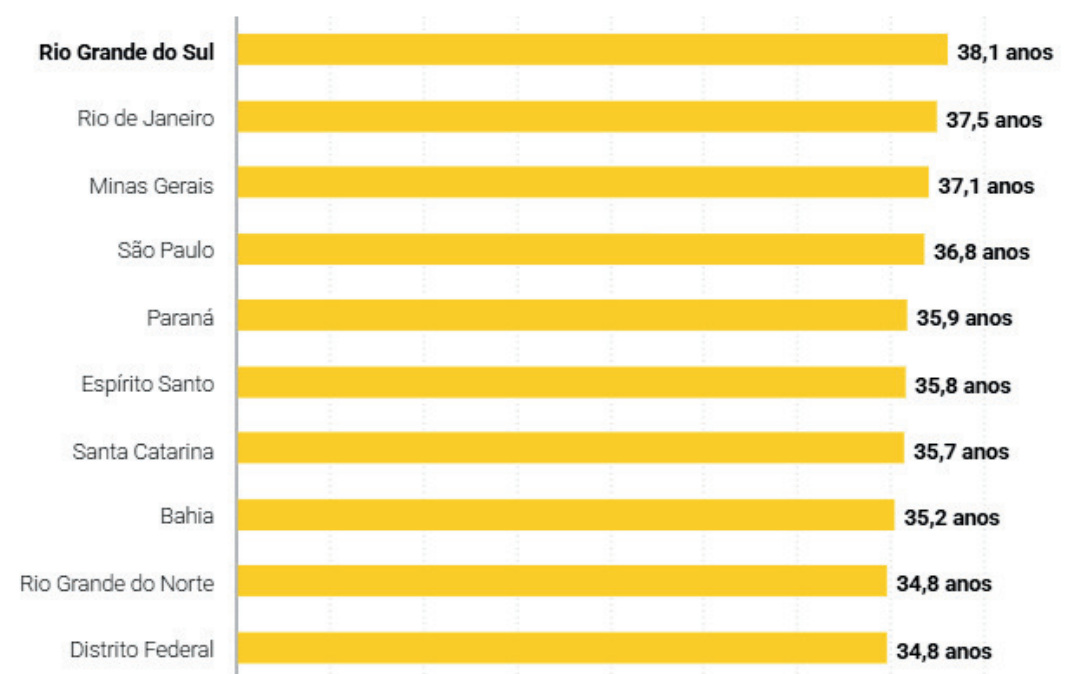
O RS tem a maior proporção de pessoas com 60 anos ou mais

A proporção de idosos na população



SAÚDE

A idade média



Fonte: IBGE

2) Descentralização do atendimento

Se por um lado o número total de médicos em atividade no Estado é superior à média nacional, por outro a **distribuição desses profissionais pelo território** é problemática: enquanto Porto Alegre concentra 11,81 médicos a cada mil habitantes, no Interior o índice é de 2,27, de acordo com o Cremers. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde, em agosto chegava a **600 mil** o número de solicitações que aguardavam na fila de consultas com especialistas.

Na avaliação da Amrigs, uma das respostas é regionalizar mais o sistema, identificando as **necessidades de cada microrregião** e estruturando serviços capazes de atender os pacientes perto de onde eles vivem.

— Olhando os nossos 497 municípios, vemos que alguns têm uma precariedade muito grande em algumas especialidades. Precisamos regionalizar mais, temos que entender o nosso Estado com microrregiões, com microáreas, para poder ver quais são as necessidades reais de cada região e ver quais são as especialidades que precisamos em cada uma — afirma Gerson Junqueira Júnior.

O problema aparece de forma concreta na rotina de pacientes que precisam percorrer centenas de quilômetros para consultas ou tratamentos — a chamada "**ambulancioterapia**". Em um dos exemplos relatados pela Amrigs, pacientes da região de Santa Vitória do Palmar, no Sul, precisavam viajar cerca de 200 quilômetros até Pelotas para fazer diálise. A criação de uma unidade de diálise no município, em setembro de 2025, resolveu parte desse deslocamento.

O volume de médicos no RS

Proporção de profissionais é superior à média nacional, mas concentração é bem superior na Capital



38.784 profissionais
em atividade no RS



3,45 profissionais
para cada mil habitantes no RS



2,27 profissionais
para cada mil habitantes
no Interior



11,81 profissionais
para cada mil habitantes
em Porto Alegre



No país
3,08 profissionais
para cada mil habitantes

Fonte: Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul

A proposta não é oferecer todos os serviços em todas as cidades, mas criar uma **rede de microrregiões** capazes de absorver procedimentos e tratamentos de média e alta complexidade, evitando a concentração excessiva nos grandes polos.

— Não pode ser só Porto Alegre, Região Metropolitana, não pode ser só Caxias, não pode ser só Passo Fundo. Temos que tentar distribuir melhor. E para isso é preciso entender qual a necessidade de especialidade da população daquela região — acrescenta Junqueira.

3) Fixação de profissionais e fortalecimento da atenção primária

A concentração dos médicos na Capital está relacionada também às **condições de trabalho**. Grandes centros oferecem hospitais estruturados, equipamentos, laboratórios e equipes completas, o que, de acordo com representantes da categoria, ajuda a atrair e manter profissionais.

Para o vice-presidente do Cremers, Eduardo Neubarth Trindade, uma das alternativas seria criar **políticas específicas de provimento e fixação de profissionais** em regiões de difícil acesso, incluindo a possibilidade de uma **carreira de Estado** para determinadas áreas.

— Quem sabe em alguns casos, em regiões de mais difícil acesso, regiões mais longínquas dos grandes centros, não se faz uma carreira de Estado para os profissionais, assim como outras carreiras possuem, como algumas carreiras jurídicas — observa Trindade.

SAÚDE

Mas apenas pagar mais não seria suficiente. De acordo com os especialistas, é necessário garantir uma **estrutura de qualidade**. Um médico pode ser atraído para uma cidade menor, mas precisa encontrar hospital, radiologia, laboratório, banco de sangue e condições adequadas para atender os pacientes.

— Não adianta eu ganhar bem, me fixar lá em São Borja, e o hospital não ter condição de fazer uma cirurgia, não tem radiologia, não tem banco de sangue — afirma Junqueira.



Especialistas apontam necessidade de reorganização para combater a chamada "ambulancioterapia".

Michel Sanderi / Prefeitura de Passo Fundo

Outra questão apontada pelos especialistas é a necessidade de **fortalecer a porta de entrada do sistema**. Para o Cremers, a atenção básica e as emergências precisam contar com profissionais preparados e condições adequadas de trabalho.

— Temos que dar condições e o sistema precisa **funcionar em rede**. Precisamos conseguir hierarquizar: o paciente de baixa complexidade é atendido no posto, se precisar pedir um exame complementar, exame de sangue, ecografia ou uma tomografia, por exemplo, que se faça em tempo hábil, e esse paciente consiga realizar esse exame e voltar para mostrar ao médico do seu posto. Mas esse sistema em rede muitas vezes acaba não funcionando — afirma Trindade.

E a resposta não passa apenas pelos médicos, de acordo com os especialistas. A professora da UFRGS Deise Lisboa Riquinho defende a implantação de **equipes multiprofissionais** para responder à diversidade de demandas da população.

— É preciso ter educadores físicos, psicólogos, profissionais que possam responder a essa gama de demandas. Um ou outro profissional não vai dar conta sozinho — observa.

Soluções passam por aproximação com universidades e investimentos em tecnologia

O Rio Grande do Sul parte de alguns indicadores positivos, como uma **oferta de médicos acima da média nacional**. Mas os números gerais escondem desigualdades importantes, incluindo a elevada concentração de profissionais na Capital.

O desafio, conforme especialistas, é fazer com que a estrutura existente funcione como uma rede: preparada para uma população mais velha, distribuída de forma mais equilibrada pelo território, com profissionais nas regiões onde eles são necessários e conectada por tecnologia, universidades e hospitais.

Conforme o estudo Demografia Médica no Brasil 2025, conduzido pelo Ministério da Saúde, Associação Médica Brasileira (AMB) e Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o Rio Grande do Sul possui **20 escolas médicas**. A avaliação dos especialistas é de que essa estrutura pode ser **mais integrada às necessidades concretas do sistema público**.

O ensino de Medicina no RS

Cursos no Estado oferecem quase 2 mil vagas a cada ano



20
cursos



1.929
vagas por ano



4%
das vagas
do país



109,45
estudantes de
Medicina
a cada 100 mil
habitantes

Fonte: Demografia Médica no Brasil 2025

Na prática, a ideia é aproximar pesquisa, formação e assistência, para que o conhecimento produzido nas universidades possa ajudar a enfrentar gargalos da rede de saúde.

— Quer sejam organizações privadas, organizações do terceiro setor, e principalmente as instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul, que são instituições diferenciadas em relação ao resto do nosso país — afirma Luis Henrique Telles da Rosa.

Ainda de acordo com os especialistas, a presença de escolas médicas ajuda a explicar por que alguns polos do Interior, como Pelotas, Passo Fundo, Santa Maria e Caxias do Sul, concentram **mais serviços e profissionais de saúde**.

Em outra frente, a tecnologia é apontada como uma das alternativas para **reduzir distâncias e melhorar a comunicação** entre os diferentes pontos do sistema.

Uma das propostas apresentadas pela Amrigs é criar um **"SUS digital integrado"**, com prontuário único e interoperável para que as informações do paciente possam ser acessadas em diferentes instituições. A estrutura também poderia **facilitar interconsultas** (discussões de casos entre profissionais de diferentes especialidades) e **ampliar o uso da telemedicina**.

A tecnologia não substitui a necessidade de estruturar os serviços locais, mas pode ajudar a levar conhecimento especializado para regiões onde determinados profissionais são escassos.

— Às vezes a gente pode fazer chegar lá também com telemedicina. Então, colocar a tecnologia para nos ajudar nisso. Isso não é fácil e precisa de planejamento. E não é planejamento de governo, é planejamento de Estado, de bom tempo — afirma Gerson Junqueira Júnior.

Fontes consultadas

- Eduardo Neubarth Trindade, vice-presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers).
- Gerson Junqueira Júnior, representante da Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigs).
- Deise Lisboa Riquinho, professora da Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
- Luis Henrique Telles da Rosa, professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).
- Ministério da Saúde.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Demografia Médica no Brasil 2025.
- Secretaria Estadual da Saúde.

A série

Entre 8 de setembro e 1º de outubro, a RBS publica em seus veículos de jornalismo a série de reportagens "Eleições 2026: Os Desafios do RS", que aborda os principais desafios para o Estado avançar em oito temas: Ambiente, Educação, Contas Públicas, Infraestrutura, Agronegócio, Saúde, Segurança e Desenvolvimento Econômico.

As temáticas foram escolhidas a partir das contribuições de vários setores da sociedade colhidas em uma série de ouvidorias realizadas pelo Conselho Editorial da RBS em 2026. As reportagens realizam um raio X dos temas e buscam descrever as soluções e caminhos possíveis. Ao final do primeiro turno da eleição, o material será reunido em um dossiê que será entregue aos representantes eleitos dos gaúchos e, em caso de segundo turno, aos dois candidatos que concorrem ao governo do Estado.



GZH Faz Parte Do The Trust Project

SAIBA MAIS

Mais sobre:

eleições 2026

infográfico

vídeo